

GT 10 – Informação e Memória

ISSN 2177-3688

NAS TRILHAS SONORAS DA MEMÓRIA DO MUSEU-CASA DE CULTURA HERMANO JOSÉ

ON THE SOUND TRACKS OF MEMORY OF THE MUSEUM-HOUSE OF CULTURE HERMANO JOSÉ

Ronieli Victor da Silva - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Além de artista plástico, o professor Hermano José foi escritor, ativista cultural e colecionador. Em 2015, o benemérito assinou um termo de doação destinando a custódia do seu espólio para a Universidade Federal da Paraíba que, por sua vez, assumiu o compromisso de criar um Museu-Casa de Cultura. O espólio deixado compreende alguns gêneros documentais, no entanto, para realização do nosso estudo, foi preciso delimitar o nosso objeto. Assim, a nossa pesquisa privilegiou o acervo fonográfico, e teve como objetivo geral refletir sobre os documentos sonoros enquanto “lugares de memória”, correlacionando especificamente o seu caráter informacional, memorialístico e cultural. O presente trabalho caracteriza-se metodologicamente como um estudo do tipo documental; de cunho descritivo no que se refere às fontes, e de natureza qualitativa, aqui intentamos tecer um diálogo entre os documentos sonoros e a memória. Quanto aos resultados, abordamos a predileção musical do artista descrevendo algumas especificidades do acervo, tais como: gêneros musicais, artistas que mais se repetem, entre outras particularidades, bem como sua relevância social. Por fim, somos convidados a refletir sobre a cultura material e o potencial informacional que estes documentos carregam, sendo passíveis de ressignificação e tendo muito a nos dizer sobre a relação de Hermano José não apenas com a música, mas também com a memória e a cultura.

Palavras-chave: Hermano José; memória fonográfica; documentos sonoros.

Abstract: Professor Hermano José, in addition to being a plastic artist, was a writer, cultural activist and collector. In 2015, the benefactor signed a donation term for the custody of his assets to the Federal University of Paraíba, which, in turn, assumed the commitment to create a House of Culture Museum. The heritage left is understood by some documental genres, however, in order to carry out our study, it was necessary to delimit our object. Thus, our research favored the phonographic collection, and had as its general objective to reflect on sound documents as “places of memory”, specifically correlating their informational, memorialistic and cultural character. The present work is methodologically characterized as a documental study; descriptive in terms of sources, and qualitative in nature, to which we weave a dialogue about sound documents and memory. As for the results, we approach the artist's musical predilection, describing some specificities of the collection such as: genres, artists that are most repeated, among other musical particularities, as well as its social relevance. Finally, we are invited to reflect on the material culture and the informational potential that these documents carry, which are subject to resignification, and which have a lot to tell us about Hermano José's relationship not only with music, but also with memory and the culture.

Keywords: Hermano José; phonographic memory; sound documents.

1 NOTAS INTRODUTÓRIAS

O acervo fonográfico do Museu-Casa de Cultura Hermano José (MCCHJ) é constituído por obras de diversos gêneros documentais, como discos de gramofone e vinil 78 rpm, CDs e fitas K7, todos reunidos pelo artista plástico que dá nome à casa, Hermano José (1922-2015), ao longo de sua trajetória. Em levantamento realizado por nós, foi contabilizado um total de 2.500 itens, distribuídos em diversos gêneros musicais que transitam pela música clássica e erudita, perpassando o rock e até a MPB. Todos os procedimentos pertinentes à descrição arquivística dos itens podem ser consultados na dissertação da autoria de Silva (2022) intitulada: “Sons do Tempo: a música na formação infomemorial e identitária do artista plástico Hermano José”.

Hermano José, além de artista plástico, foi escritor, professor universitário e colecionador, ativista cultural e ambiental, colecionador e benemérito. Em 2015, o artista assinou um termo de doação destinando todo o seu espólio para a Universidade Federal da Paraíba, estabelecendo no referido termo que a entidade receptora teria, como obrigatoriedade, transformar o espaço antes residencial em espaço de cultura, com a finalidade de preservar o seu legado, bem como viabilizar o acesso ao seu acervo. O acervo compreende uma quantidade significativa de documentos como telas, gravuras, livros, utensílios domésticos, esculturas, fotografias, documentos sonoros, entre outras espécies documentais (OLIVEIRA; MARTINS, 2021).

No ano de 2018, o Conselho Universitário da UFPB aprovou a Resolução nº10/2018, que dispõe sobre a criação do Museu Casa de Cultura Hermano José e aprovou o seu regimento. Com isso, a UFPB assumiu o compromisso no que se refere à preservação, conservação do espólio doado à entidade e divulgação da memória de Hermano José, passando a cumprir o papel de estimular pesquisas e estudos sistemáticos sobre a vida e a obra do artista (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, 2018).

Esta pesquisa privilegiou o acervo fonográfico do artista, tendo como objetivo geral refletir sobre os documentos sonoros enquanto “[...] lugares de memória [...]” (NORA, 1993), correlacionando o seu caráter informacional, memorialístico e cultural. Destarte, o trabalho teve como objetivos específicos, compreender a relação de Hermano com a música a partir dos aspectos intrínsecos dos documentos fonográficos, considerando ainda a predileção

musical do artista, as especificidades do acervo sonoro, caracterizando-o como patrimônio memorialístico e cultural.

2 CLAVES METODOLÓGICAS

A única forma de conhecermos a realidade e aprendermos sobre ela e sobre os elementos que a compõe se dá através da pesquisa alinhada a instrumentos capazes de contribuir na decifração de enigmas, em especial aqueles imersos no oceano do social. A pesquisa, entendida enquanto processo, requer que o pesquisador exerça um enumerado de ações com o intuito de responder a uma indagação norteadora e alcançar os objetivos propostos.

De acordo com Gil (2010), uma pesquisa pode ser definida como um processo formal e sistemático. Ela é realizada com o objetivo de desvendar respostas para determinados problemas. Para tanto, faz-se necessária a aplicação de procedimentos técnicos e teóricos, proporcionando ao pesquisador meios para alcançar os seus objetivos, ou, ao menos, aproximar-se deles.

Ao mergulhar no acervo de Hermano José, inevitavelmente fomos instigados a refletir sobre a relação entre os documentos e seu titular. Esta aparente inquietude se multiplicou ao descortinarmos uma multiplicidade de tipologias documentais pertencentes ao espólio. Por se tratar de um acervo pessoal, levamos em consideração as subjetividades do sujeito, respeitando suas especificidades e o ambiente no qual ele se encontrava inserido.

De acordo com Richardson (2012), apesar de não existir uma fórmula exclusiva para a realização do nosso tipo de empreitada, considerando esse processo voltado à compreensão de problemas e suas resoluções, algumas técnicas podem ser adotadas para a obtenção de resultados mais satisfatórios e pertinentes às questões. É, pois, na pesquisa que se descobrem as repostas para os fenômenos que nos rodeiam, para que assim possamos descrevê-los da melhor maneira.

A nossa pesquisa tomou como recorte documental o acervo fonográfico. Segundo Marconi e Lakatos (2008), na pesquisa documental a fonte de coleta de dados pode ser adquirida em documentos escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Logo, o acervo fonográfico representa a fonte primária tratada e trabalhada nesse estudo. Assim, para a análise desses documentos, fez-se necessário categorizá-los de acordo

com suas características físicas e de conteúdo, perspectiva que se coadunou com a opção metodológica de cunho qualitativo.

O estudo é considerado do tipo descritivo uma vez que possibilitou identificar as características do objeto investigado. Pesquisas dessa natureza possibilitam a medição, a avaliação, bem como a coleta de dados sobre diversos aspectos, dimensões ou componentes do fenômeno a ser pesquisado (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006).

Para Gil (2010), as pesquisas de cunho descritivo visam à descrição de determinados fenômenos e das relações que circundam o objeto estudado. As pesquisas norteadas por esse método utilizam primordialmente a coleta de dados para delimitar a natureza das relações, aproximando-se bastante do método explicativo e proporcionando outro olhar sobre o tema abordado, configurando e caracterizando o conjunto de variáveis e problemas que envolvem o objeto.

Os dados obtidos partem de listas inventariais realizadas por Silva (2022), que tiveram como objetivo a identificação dos títulos e os gêneros musicais, possibilitando um mapeamento do acervo no que se refere ao estado de conservação e o quantitativo, bem como, demonstrar certas peculiaridades do acervo fonográfico do MCCHJ.

3 ACORDES TEÓRICOS: O MCCHJ ENQUANTO LUGAR DE MEMÓRIA

Um elemento basilar para a formação das sociedades são as histórias. Contadas e recontadas, passam de geração em geração, em diferentes linguagens e em diversas culturas, construindo uma memória, que transcende o tempo das coisas e dos indivíduos. Este princípio da rememoração está no cerne da nossa condição humana, e por meio dele, podemos detalhar e descrever acontecimentos, percursos, momentos, datas e especificidades situando-os no tempo e no espaço.

Chauí (2000) assinala que as memórias carregadas pelos indivíduos caracterizam-se por um conjunto de percepções internas adquiridas pela introspecção, que, por sua vez, formam as lembranças e o passado do sujeito. Para a autora, a memória pode ser considerada como a “arte de evocar o passado” na tentativa de reter o tempo, guardar o momento que há muito passou, com a esperança de conservar e salvar o que jamais voltará.

Apesar de dispormos dessa capacidade evocativa, os seres humanos nunca terão acesso ao todo de suas lembranças, sendo o esquecimento quem dita aquilo que lembraremos. Nas palavras da autora, ao possuímos a qualidade da evocação, a

possibilidade de recordar é um atributo singular em nossa condição humana (ASSMANN, 2011).

A memória, na perspectiva do sociólogo Halbwachs (1990), não se constrói de forma isolada – por mais que tenhamos a capacidade de recordar, em maior ou em menor grau e de revisitar lembranças de forma consciente ou involuntária. Todos os elementos constitutivos da memória de um indivíduo originam-se do fenômeno coletivo, ou seja: enquanto membro de um grupo, ele se utiliza de elementos criados em comunidade e, nesse sentido, tanto os sujeitos quanto suas criações emergem do meio comunitário no qual estão inseridos.

Candau (2012) afirma que poderíamos compreender a memória individual a partir de uma memória experienciada, uma memória imbricada que emana da lembrança ou da recordação, ligada intimamente ao conjunto de percepções adquiridas pelo indivíduo ao longo de sua vida. Ao passo que essa memória individual tem sua constituição a partir dos elementos coletivos, quando pensamos em memória coletiva estamos pensando na memória dos grupos em que os indivíduos se encontram inseridos.

Ao dialogar sobre os possíveis elementos que compuseram a memória individual de Hermano José, devemos levar em consideração que toda memória é construída com base no coletivo, logo, o sujeito é fruto de um conjunto de experiências vivenciadas a partir da coletividade, de acordo com Candau (2013) “O homem nu não existe porque não há indivíduo que não carregue o peso da sua própria memória sem que seja misturada a sociedade à qual pertence” (CANDAU, 2013, p. 96). A memória molda o indivíduo e, conseqüentemente, o seu “diário social”. Ao rememorarmos algo, por mais que julguemos sermos os únicos personagens do enredo de certos fatos e acontecimentos, nunca estamos sós.

À medida que nos debruçamos sobre a memória de um indivíduo na tentativa de obter outras percepções e aprofundar a compreensão de seus movimentos no tabuleiro social - aqui, em especial, a memória de Hermano José - estamos nos propondo a tecer um novo olhar daquilo que até então se tem como potencial informacional sobre o sujeito, ou seja, as fontes informacionais sobre vida, obra e legado, bem como os documentos que os acompanham.

Tanto o imóvel deixado por Hermano quanto o acervo produzido e acumulado ao longo dos anos podem ser compreendidos enquanto “lugares de memória”, de

acontecimentos e de representações no tempo e no espaço. De acordo com Nora (1993), os aspectos materiais, simbólicos e funcionais desses lugares e das coisas coexistem sempre de forma simultânea (NORA, 1993, p. 21).

Neste sentido, rememoremos Assmann (2011) na afirmação de que os objetos são testemunhas do passado, fragmentos materiais, vestígios, espectros carregados de simbolismo, e, assim, tornam-se elementos de histórias e narrativas, pontos de referência para a memória cultural. Esses materiais compõem o cenário das recordações, tendo como característica principal a mediação de um passado no presente. São, antes de tudo, evocadores de memória e não o são por acaso, uma vez que a cada lembrar surge uma nova leitura, uma nova interpretação.

Ao pensarmos na diversidade de discos e os variados gêneros musicais presentes no acervo hermaniano, conhecemos os sons que acompanharam o artista plástico durante sua trajetória. O acervo é constituído por obras que compreendem um período de artistas nacionais e estrangeiros datados dos anos 1940 a 1990. Assim, os discos e suas coleções, ao serem ressignificados, possibilitam-nos traçar particularidades do titular a partir dos documentos por ele armazenados, situando um recorte também da memória coletiva musical.

O campo melódico de nossa trajetória é composto pela coletividade em diferentes tons que podem ser aprazíveis ou tempestuosos, harmoniosos ou dissonantes; somos sempre influenciados em maior ou menor grau pelas relações sociais. Para Halbwachs (1990), quando recorremos às nossas memórias, conseqüentemente nos reencontramos com aquilo que julgamos pertencer ou não, e é nesse exercício que está o segredo do “princípio da identidade”.

Ao acumularmos documentos, fazemos uma espécie de acordo com a realidade, isto é, acabamos por manipular a existência e, assim, decidimos omitir, rasurar, excluir ou destacar certas notas. Elaboramos uma espécie de “diário íntimo”, elencamos alguns poucos acontecimentos e omitimos outros, corrigindo e acrescentando à medida que o percorremos e o revisitamos (ARTIÉRES, 1998).

Assim, compreendendo o acervo hermaniano enquanto espaço multidisciplinar optou-se aqui por delimitar os documentos fonográficos como *corpus* da pesquisa.

4 O DOCUMENTO FONOGRÁFICO ENQUANTO SUPORTE INFORMACIONAL E MEMORIALÍSTICO

Os artefatos e objetos produzidos ou acumulados, além de recortes do tempo, representam também a materialização das nossas ações em épocas distintas, meios sociais e ambientes em que vivemos, remontando itinerários. Tudo o que foi selecionado e/ou adquirido ressoa em caráter singular sendo, por vezes, um reflexo das relações e atividades de um indivíduo, evidenciando sua visão de mundo e suas concepções, revelando suas necessidades, interesses culturais, econômicos e sociais.

Ao abordarmos o documento sonoro enquanto suporte de informação, traçamos uma análise sob a perspectiva dos elementos extrínsecos e intrínsecos, ou seja, devemos analisar em um primeiro momento as características físicas do documento como: capa; formato, composição e estado de conservação; e posteriormente com o auxílio de uma máquina decodificadora, ou seja, a ferramenta responsável pela leitura das informações grafadas no documento à exemplo de uma vitrola, Cd-player e toca-fitas. De acordo com Laurent (2001), os documentos sonoros são artefatos legíveis por máquina, e que a integridade da informação contida está condicionada à preservação do suporte, assim, as técnicas de conservação estão ligadas ao bem-estar físico do objeto.

O Glossário da Câmara Técnica de Documentos Audiovisuais, Fonográficos, Iconográficos, Sonoros e Musicais (BRASIL, 2018) apresenta o documento sonoro como um gênero documental composto por documentos que contém registros sonoros. De acordo com Buarque (2008), os documentos sonoros podem ser compreendidos como uma das espécies documentais pertencentes aos gêneros fonográfico e audiovisual. Tais documentos são caracterizados por conter apenas sons e/ou imagens em movimento, dispostos em um suporte (CD, Beta fita, fita cassete, disco de vinil, gramofone, DVD etc.) e, para serem gravados e/ou reproduzidos, necessitam de máquinas e dispositivos tecnológicos.

A análise dos elementos extrínsecos é realizada através das características físicas do suporte, cujos elementos estéticos e tangíveis compõem este documento em si. Os elementos intrínsecos caracterizam-se pelo registro sonoro, a exemplo dos discos de vinil onde são grafadas as ranhuras, essas precisam entrar em contato com a agulha de uma vitrola para que suas vibrações sejam transformadas em ondas sonoras decodificadas pela máquina e amplificadas na leitura do som (LAURENT, 2001).

O potencial informativo dos documentos sonoros vai além da análise dos elementos extrínsecos e intrínsecos, ou seja, o conteúdo fonográfico carrega mensagens decodificadas, que podem traduzir-se nos mais variados sons: músicas, programas de rádio, cursos, áudio de reuniões, palestras, treinamentos e etc.

O fato de ser um amante da música fez de Hermano um colecionador de obras dos mais variados gêneros musicais, e o seu acervo denota o seu apreço pela cultura material. De acordo com Preucel (2006) “[...] a cultura material não é um reflexo passivo do comportamento humano, mas uma prática social ativa constitutiva da ordem social [...]” (PREUCEL, 2006, p. 26), ou seja, essa materialidade, ou agência material, deve ser entendida como a constituição social do “Eu” e da sociedade por meio do mundo objeto. Neste sentido, os documentos nos acompanham e os conjuntos que se formam nesse percurso são submetidos a seleções e recortes que fazemos ao longo de nossa trajetória.

Quando crianças, aprendemos a interagir com um universo permeado de objetos, artefatos e coisas, criando vínculos e estabelecendo relações para com estes. Tanto no uso cotidiano quanto no emprego afetivo, esses objetos acabam por contribuir com nossa identidade, nossas memórias e, nesse ínterim, exercemos uma espécie de “cultura material” e, conseqüentemente, acumulamos os mais variados artefatos (MILER, 2013).

Os documentos musicais foram especialmente selecionados por Hermano, de acordo com Silva (2022), muitos discos de vinil foram encontrados em baús de madeira, o que passava, de certa maneira, a ideia de um tesouro a ser preservado. Havia também diversos armários abarrotados de cd’s e fitas cassete espalhados pelo quarto de dormir e em outros cômodos da casa do artista.

Atualmente, todo o acervo fonográfico de Hermano José está preservado na reserva técnica do MCCHJ, localizada na UFPB, em processo de catalogação e tratamento, pautados em técnicas de identificação, descrição, higienização e conservação. Neste sentido, Camargo (2009) declara a importância da preservação destas coleções, que são reunidas pelo valor histórico e caráter informativo, e contemplam temas e períodos da história.

Uma parcela significativa do acervo já foi tombada, e os trabalhos continuam na reserva, os discos ainda aguardam receber o número de registro de acordo com a política documental aplicada ao acervo, garantindo sua preservação enquanto patrimônio do MCCHJ e da Universidade Federal da Paraíba.

4.1 SINFONIA HERMANIANA: O ACERVO FONOGRÁFICO DE HERMANO JOSÉ

A análise dos discos do MCCHJ possibilita inferir a riqueza sobre o potencial informacional não apenas em razão da quantidade volumosa de itens, mas, sobretudo, da diversidade de gêneros musicais. Durante o processo de análise observamos os autores/intérpretes que mais se repetem; neste sentido, elaboramos dois quadros, enumerando os artistas/compositores presentes no corpus investigado.

No quadro abaixo apresentamos o levantamento dos autores/intérpretes nacionais.

Quadro 1 – Posição e quantidade de discos dos autores/intérpretes nacionais do acervo

Posição	Autores/intérpretes nacionais	Quantidade
1°	Orlando Silva	10
2°	Carmen Costa	9
3°	Geraldo Vandré	8
4°	Heitor Villa-Lobos	7
4°	Carmen Miranda	7
4°	Caetano Veloso	7
5°	Chico Buarque	6
5°	Noel Rosa	6

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No “quadro 1” é possível observar a predileção sonora de Hermano dentre os autores/intérpretes nacionais. Dos títulos brasileiros listados, destacamos o cantor Orlando Silva, artista mais presente em quantidade de discos no acervo, seguido por Carmen Costa, Geraldo Vandré, Heitor Villa-Lobos e Carmen Miranda.

Dentre os discos de musicografia estrangeira, conforme apresentaremos no Quadro 2, constatamos que o autor/intérprete J. S. Bach¹ predomina no acervo de discos de música estrangeira. As posições seguintes contam com autores renomados da música clássica ocidental, a saber: Wolfgang Amadeus Mozart, Antonio Lucio Vivaldi, Johannes Brahms etc.

Quadro 2 – Posição e quantidade de discos dos autores/intérpretes estrangeiros do acervo

Posição	Autores/intérpretes estrangeiros	Quantidade
1°	Bach	23
2°	Mozart	17
3°	Vivaldi	16
4°	Brahms	5
5°	Haydn	5
6°	Wagner	4
7°	Chopin	3

¹O compositor, regente e organista Johann Sebastian Bach (1685-1750) foi um dos artistas alemães mais célebres de seu tempo. Dentre suas obras mais importantes destacam-se: os concertos de Brandemburgo, Toccata, O Cravo Bem-temperado. Ver: RUEB, Franz. 48 variações sobre Bach. Tradução de João Azenha. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

A predominância de autores relacionadas ao gênero de música clássica e da música popular brasileira no acervo hermaniano é evidente, no entanto, podemos destacar a versatilidade do acervo apresentando alguns álbuns que passeiam por outros gêneros da música, como veremos adiante.

4.2 NOTAS POLICROMADAS: SONS E CORES QUE SE FUNDEM

Podemos elencar algumas particularidades do acervo fonográfico, como o design das capas dos discos de vinil, a exemplo dos discos: Carmen Miranda (CARMEN MIRANDA, 1985)² e Nação (CLARA NUNES, 1982)³ (Figura 1).

Figura 1 – Gêneros musicais do acervo



Fonte: Acervo pessoal Hermano José

Outra curiosidade é a diversidade de gêneros musicais, partindo do Movimento Armorial, com o disco Orquestra Armorial-Continental - 1975⁴, até o disco de música

² CARMEN MIRANDA. Vários compositores. Intérprete: Carmen Miranda. Brasil: RCA VICTOR, 1985. LP (30 min).

³ NAÇÃO. Vários compositores. Intérprete: Clara Nunes. Brasil: EMI. LP (64 min).

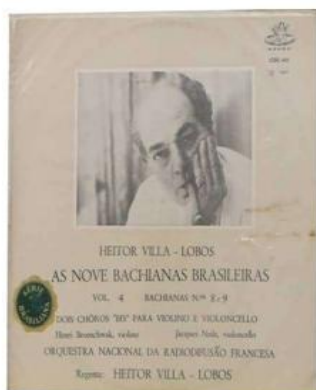
⁴ ORQUESTRA ARMORIAL. Vários compositores. Intérpretes: Orquestra Armorial. Brasil: Continental, 1975. LP. O Movimento Armorial teve início da década de 1970, tendo com um dos criadores o escritor e dramaturgo Ariano Suassuna. O movimento defendia a criação uma arte brasileira erudita pautada em elementos da cultura popular tipicamente nordestina. Ver mais em: SUASSUNA, Ariano. **O Movimento Armorial**. Recife: Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Pernambuco, 1974.

psicodélica da banda Pink Floyd - The Wall - Columbia Records – 1979⁵, respectivamente quinto e sexto discos na Figura 1.

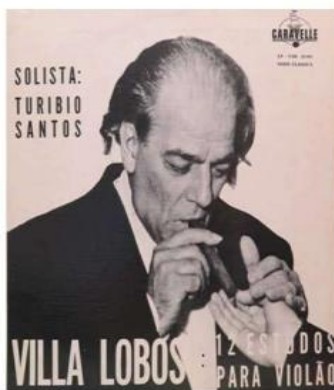
Obras dos compositores Villa-Lobos (Figura 2) e J. S. Bach ocupam parcela significativa no acervo fonográfico do MCCHJ, ambos os artistas se destacam entre os títulos de maior evidência no acervo fonográfico. Os três discos elencados abaixo são intitulados: “As nove bachianas brasileiras” (1965)⁶, “12 Estudos para violão” (1963)⁷ e “12 Estudos – 5 prelúdios” (1972)⁸

Figura 2 – Discos de Villa-Lobos

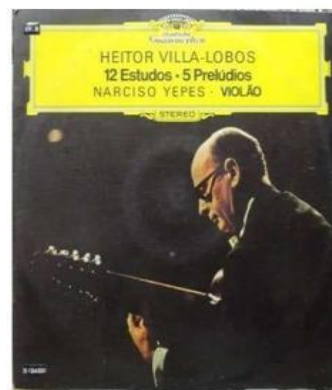
Heitor Villa-Lobos- As nove
Bachianas Brasileiras-Angel-
1965



Heitor Villa-Lobos-12 estudos
para violão-Solista: Turíbio
Santos-Caravelle discos-1963



Heitor Villa-Lobos- 12
Estudos. 5 Prelúdios/Narciso
Yepes/ Phonogran 1972



Fonte: Acervo pessoal Hermano José (2021)

Discos do cantor e compositor paraibano Geraldo Vandré também estão entre os títulos que mais se repetem no acervo. Na reserva, foram encontrados ao todo seis discos de vinil compostos pelo artista, abaixo figuram três deles: “Convite para ouvir” (1988)⁹, “História da música popular brasileira” (1971)¹⁰ e “Das terras de benvirá” (1973)¹¹.

Figura 4 – Discos de Geraldo Vandré do acervo pessoal de Hermano José

⁵ THE WALL. Vários compositores. Intérpretes: Pink Floyd. Columbia, 1979. LP.

⁶ AS NOVE BACHIANAS BRASILEIRAS. Compositor: Heitor Villa-Lobos. Intérprete: Orquestra Nacional da Radiofusão Francesa. Brasil: Angel, 1965. LP.

⁷ 12 ESTUDOS PARA VIOLÃO. Compositor: Heitor Villa-Lobos. Intérprete: Turibio Santos. Brasil: Caravelle, 1963.

⁸ 12 ESTUDOS – 5 PRELÚDIOS. Compositor: Heitor Villa-Lobos. Intérprete: Narciso Yepes. Deutsche Grammophon/Phonogran, 1972.

⁹ CONVITE PARA OUVIR. Compositores: Baden Powell, Geraldo Vandré e Vinicius de Moraes. Intérprete: Geraldo Vandré. Brasil: RGE Discos, 1988. 2 x lps, LP.

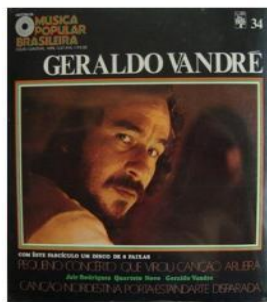
¹⁰ HISTÓRIA DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA. Compositor: Geraldo Vandré. Intérprete: Geraldo Vandré. Brasil: RCA, Abril Cultural, 1971. LP.

¹¹ DAS TERRAS DE BENVIRÁ. Compositor: Geraldo Vandré. Intérprete: Geraldo Vandré. Brasil: Philips, 1973.

Geraldo Vandré-
Convite para ouvir-
2 lps-RGE Discos-
1988



Geraldo Vandré-
História da música
popular brasileira-
Abril Cultural-1971



Geraldo Vandré- Das
terras de benvirá-
Philips-1973



Fonte: Acervo Hermano José (2021)

Apresentamos acima algumas das coleções fonográficas presentes no acervo do MCCHJ, o que nos leva a refletir sobre a cultura material e sobre o potencial informacional que esses documentos carregam, sendo passíveis de ressignificação.

Assim, quando pensamos nos acervos e instituições de memória lembremos Dohmann (2015) na afirmação de que “[...] objetos e coleções, sejam particulares ou em museus, representam uma forma de biografia material” (DOHMANN, 2015, p. 8). Nesse ínterim, o conjunto de documentos e coleções que formam um acervo pessoal é fruto das nossas interações sociais, consequências da prática de salvaguardar, um exercício sincrônico de preservação de nossa própria história, e pode evidenciar nossas peculiaridades e interesses. Dessa maneira, tanto a casa de Hermano José quanto tudo que foi acumulado e colecionado, sobretudo o acervo fonográfico, são considerados “lugares de memória”, e podem revelar variadas especificidades e solucionar ou enriquecer o debate acerca de questões particulares sobre o artista, assim como suas interações e relações no contexto político, econômico e social.

Ao mergulharmos na memória fonográfica do espólio deixado por Hermano José, conhecemos alguns dos seus gostos e particularidades, revelando um personagem sensível, inquieto e plural da história paraibana. Percebemos que o acervo fonográfico de Hermano José, à medida que é aberto ao público, rompe com o silêncio imposto às personalidades falecidas, permitindo a percepção de seu titular nas linguagens de seu tempo, aqui brevemente analisada por meio dos documentos sonoros. Mesmo compilados em um espaço-tempo, os artefatos fonográficos podem nos revelar o percurso de um passado recente da história de seu titular, bem como a sua identidade musical, provocando outras inúmeras possibilidades investigativas.

5 SUSTENIDOS FINAIS

Os acervos pessoais são recortes temporais de realidades distintas, com produções exclusivas, custodiando objetos e elementos que, por serem capazes de recontar uma parte de seus elos e itinerários no labirinto social, compõem dinâmicas de época e resultam numa extensão da história aproximada do seu titular. Neste sentido, o Museu-Casa de Cultura Hermano José exerce o compromisso de preservação e conservação do espólio deixado por um artista que tanto contribuiu para o desenvolvimento das artes na Paraíba.

É importante frisar que o acervo fonográfico de Hermano ainda tem muito a dizer. Diversas outras pesquisas podem ser propostas: uma análise mais aprofundada explorando os gêneros musicais encontrados, estudos no que se refere ao design das capas, um quadro conceitual que privilegie as nacionalidades presentes no acervo, recortes de artistas e grupos que remontem, através das canções, retratos de períodos históricos, e assim por diante.

A importância deste acervo para a sociedade é substancialmente significativa, sobretudo pela liquidez do tempo em que vivemos, onde trafegamos e somos engolidos por uma gama volumosa de informações, absortos nas redes sociais em detrimento ao conhecimento do passado, sobretudo, o local. No caso dos documentos fonográficos, as músicas contidas no acervo de Hermano José são compiladas em suportes que tiveram seu auge no século passado. Estes discos, assim, nos ajudam a compreender um pouco da história fonográfica e como estas coleções se formam, sobretudo em tempos de relações e objetos descartáveis.

Os discos e CDs, hoje custodiados pelo MCCHJ, servem à pesquisa e, futuramente, estarão à disposição da comunidade em geral. A versatilidade documental presente na reserva técnica mostra o quanto podemos avançar no universo hermaniano, explorando outras perspectivas e potencialidades informacionais no acervo do museu. Nesse sentido, os trabalhos continuam, pois existe um extenso e diversificado volume no espólio e, com o devido tratamento, esses documentos podem revelar outras especificidades e encorpar as discussões no que tange à ciência, à cultura e à memória.

REFERÊNCIAS

ARTIÈRES, Phillipe. Arquivar a própria vida. Tradução de Dora Rocha. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 11, p. 9-34, 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>. Acesso em: 20 jun. 2023.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

BRASIL. Conselho Nacional de Arquivos. Câmara Técnica de Documentos Audiovisuais, Iconográficos, Sonoros e Musicais. **Glossário**. Rio de Janeiro: CTDAISM-CONARQ, 2018, v. 3. Disponível em: <http://conarq.gov.br/ctdaism/glossario-da-ctdaism.html>. Acesso em: 19 jun. 2023.

BUARQUE, Marco Dreer. Documentos sonoros: características e estratégias de preservação. **PontodeAcesso**, Salvador, v.2, n.2, p. 37-50, ago./set. 2008. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3021/2167>. Acesso em: 18 jun. 2023.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos pessoais são arquivos. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Minas Gerais, v. 45, n. 2, p. 27-39, jul./dez. 2009. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/2009-2-A02.pdf. Acesso em: 18 jun. 2023.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CANDAU, Joël. **Antropologia da Memória**. Tradução de Miriam Lopes. Lisboa: Instituto Piaget, 2013.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

DOHMANN, Marcus. **Coleções de objetos**: memória tangível da cultura material. [S.l.: s.n.], 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/280495339_Colecoes_de_objetos_memoria_tangivel_da_cultura_material. Acesso em: 10 jun. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. 2. ed. São Paulo: Centauro, 1990.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**: planejamento e execução das pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Revista do Programa de Estudos de Pós-graduados em História**. São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 20 jun. 2023.

OLIVEIRA, Bernardina. M. J. F.; MARTINS, Bertrand P. Da Casa de Morada ao Museu-Casa de Cultura Hermano José. *In*: MAGALHÃES, Fernando *et al.* **Museologia e Patrimônio**. Madrid: Politécnico de Leiria-PT, 2021. p. 184-212.

PREUCEL, Robert. **Archaeological semiotics**. Berkeley: Blackwell Publishing, 2006.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista. **Metodologia da pesquisa**. Tradução de Daisy Vaz de Moraes. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

ST-LAURENT, Gilles. **Guarda e manuseio de materiais de registro sonoro**. Tradução de José Luiz Pedersoli Júnior. 2. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. Conselho Universitário. **Resolução nº 10/2018**. Cria o Museu-Casa de Cultura Hermano José (MCCHJ). João Pessoa: Conselho Universitário, 2018.

SILVA, Ronieli Victor da. **Sons do tempo: a música na formação infomemorial e identitária do artista plástico Hermano José**. 2022. Dissertação (Mestrado) - Ciência da Informação Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p. 244. 2022. Disponível em:
<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/22783>. Acesso em: 15 jun. 2023.